



Índice

- 01** Mudanças darão autonomia aos índios, diz diretor da Funai
- 02** Política indígena vive momento perigoso, diz antropóloga
- 03** Mutirão de voluntários leva atendimento médico a índios na Amazônia
- 04** Um quarto das línguas indígenas do Brasil pode ser extinta
- 05** Moreira Mendes cobra seriedade nos debates sobre questão indígena
- 06** HUB inicia serviço especial para atender povos indígenas
- 07** Terras Indígenas: Produtores de MS protestam e tentam reunião com Dilma
- 08** Beleza e garbo nos jogos
- 09** Projeto Diversidade leva Aldeia Indígena ao Colégio Madre Bárbara
- 10** Governo apoia escolas e qualificação de professores
- 11** Educadores indígenas realizam panfletagem na MS-156 e ameaçam 'trancar' rodovia
- 12** Literatura indígena é discutida no Seminário da Pan-Amazônia na Feira do Livro

Mudanças darão autonomia aos índios, diz diretor da Funai

SÍTIO EXAME.COM, 29.04.2013

Embora criticadas por alguns setores, as reformulações na estrutura administrativa da Funai representam um novo conceito de atendimento aos povos indígenas



Índios de várias etnias se apresentam na aldeia 'Kari Oca': o diretor da Funai disse também que uma das diretrizes atuais é compartilhar o atendimento aos índios com os demais órgãos e ministérios.

Rio de Janeiro – As mudanças por que vem passando a Fundação Nacional do Índio (Funai) há pelo menos cinco anos visam a dar mais agilidade ao órgão e autonomia aos índios. Embora criticadas por alguns setores, as reformulações na estrutura administrativa – previstas no Decreto nº 7056, de 2009 – representam um novo conceito de atendimento aos povos indígenas. A informação é do diretor de Proteção Territorial da Funai, Aluísio Azanha.

“De 2003 para cá, há um processo histórico de atualização e de realocação do órgão indigenista a partir da realidade contemporânea dos povos indígenas e da sociedade nacional. As reformulações administrativas ou mesmo as reformulações conceituais de atuação do órgão são um processo histórico, de uns anos para cá, de atualização frente às comunidades indígenas”.

CONT.



Boletim de Notícias - Edição nº 071 / 2013

Brasília, 30 de abril de 2013.

Segundo Azanha, a nova visão da Funai rompe com décadas de uma filosofia assistencialista do órgão, e isso acaba provocando resistência em determinados setores. Para concretizar essas ações, foram necessárias modificações na estrutura administrativa. "Saímos de uma política assistencialista, com vestígios da tutela, que de fato norteou a atuação do Estado brasileiro e particularmente da Funai com os povos indígenas. São questões administrativas que se confundem com questões conceituais", explicou.

Azanha disse que a direção da Funai trabalha com o conceito de proteção e promoção de direitos e não o de tutela de direito. Segundo ele, não se trata apenas de uma opção, mas de seguir o que determina a Constituição de 1988 e o novo Código Civil, que acabaram com a tutela jurídica. "E nós estamos trabalhando para implementar isso. O que não significa ausência, esvaziamento ou omissão do Estado brasileiro ou da Funai".

Política indígena vive momento perigoso, diz antropóloga

SÍTIO EXAME.COM, 29.04.2013

A antropóloga Elsja Lagrou adverte para uma perda de direitos históricos, duramente conquistados pelos índios nas últimas décadas



Índios Jurunas constroem espaço de eventos na aldeia Muratu: a antropóloga defende a criação de um centro de referência indígena que garanta apoio aos índios em trânsito na cidade, principalmente estudantes.

Rio de Janeiro – O movimento indígena brasileiro vive um momento delicado, frente às pressões de setores econômicos e políticos que cobiçam as terras e aldeias indígenas para a exploração de madeira, agricultura ou recursos naturais e minerais. A avaliação é da antropóloga Elsja Lagrou, professora da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), que adverte para uma perda de direitos históricos, duramente conquistados pelos índios nas últimas décadas.

Segundo ela, um exemplo disso é a possível aprovação da Proposta de Emenda à Constituição (PEC 215/2000), que inclui nas competências exclusivas do Congresso Nacional a aprovação de demarcação das terras tradicionalmente ocupadas pelos índios, a criação de unidades de conservação ambiental e a ratificação das demarcações já homologadas.

“Estamos vivendo um momento perigoso, com o ressurgimento de uma ideologia desenvolvimentista que não sabe avaliar os riscos que os recém-conquistados direitos dos índios estão correndo hoje em dia. Isso acontece quando se começa a recolocar em questão os direitos ao território e os direitos à continuação a um estilo de vida. Essa euforia desenvolvimentista está colocando em risco muitas conquistas indígenas, que só vão poder se consolidar se os índios ganharem cada vez mais espaço para se fazer ouvir, nas universidades e nas grandes metrópoles”, disse Elsja.

Além das pressões sobre as terras indígenas no interior do país, um exemplo de perda recente, segundo ela, foi a experiência da desocupação do antigo Museu do Índio, no Rio de Janeiro, quando índios e integrantes da sociedade civil foram retirados com violência policial do imóvel, no dia 22 de março. O local onde nasceu o Serviço de Proteção ao Índio, no século passado, vai ser transformado em um museu olímpico, por determinação do governo do estado.



Mutirão de voluntários leva atendimento médico a índios na Amazônia

SÍTIO EBC, 29.04.2013

Tabatinga (AM) – Até o próximo sábado (4), 50 voluntários - entre médicos, enfermeiros e equipe de apoio - participarão do mutirão que atende comunidades indígenas no meio da Floresta Amazônica. Um centro cirúrgico foi montado na Aldeia Santa Inês (AM), na Região do Alto Solimões, para atender as aldeias, onde vivem cerca de 52 mil índios. A expectativa é fazer mais de 2 mil atendimentos, como consultas com dentistas e oftalmologistas, 250 cirurgias - uma média de 40 por dia - entre elas, de catarata, hérnia, ginecológicas e plásticas reparadoras. Ao longo do ano, seis comunidades indígenas deverão receber esse tipo de ação.

O atendimento é feito pelos Expedicionários da Saúde, organização da sociedade civil de interesse público (Oscip) de médicos voluntários criada em 2002, que tem apoio do Ministério da Saúde. A coordenadora-geral da organização, Márcia Abdala, conta que é a terceira vez que a ação ocorre na região. “Nós estamos voltando porque a demanda aqui é muito grande”, disse, ao lembrar que os expedicionários estiveram na área em 2008 e 2009.

O ministro da Saúde, Alexandre Padilha, que esteve na aldeia nesse fim de semana, ressaltou que a ação ajuda a complementar o acesso à saúde. “Ela reforça porque traz algumas especialidades que só é possível trazer em situações como essa, como cirurgia de catarata, de hérnia, de vesícula”, disse à Agência Brasil.

Um quarto das línguas indígenas do Brasil pode ser extinta

SÍTIO EXAME.COM, 29.04.2013

O mais grave é que é impossível determinar quantas línguas já se extinguíram desde a chegada dos colonizadores portugueses ao Brasil



Índios Yanomami: segundo Censo de 2010, apenas 37,4% dos 896.917 brasileiros que se declararam como índios falam a língua de sua etnia

Rio de Janeiro - Um quarto das 154 línguas indígenas ainda vivas no Brasil está ameaçado de extinção, já que contam com menos de cem falantes, alerta um relatório realizado pelo Museu Paraense Emílio Goeldi (MPEG).

O mais grave é que é impossível determinar quantas línguas já se extinguíram desde a chegada dos colonizadores portugueses ao Brasil em 1.500, segundo o estudo do órgão estatal, ligado ao Ministério de Ciência e Tecnologia.

"O Brasil é um dos países com maior diversidade linguística da América, já que conta com 154 línguas ainda faladas, mas o número era muito maior e não sabemos quantas desapareceram sem que restassem registros", disse à Agência Efe a linguista Ana Vilacy Galucio, pesquisadora do MPEG e que coordenou o estudo.

"E muitas das línguas ainda vivas estão ameaçadas de desaparecer, já que têm muito poucos falantes, em sua maioria idosos, e as novas gerações não estão interessadas em aprendê-las. A tendência em médio prazo é que essas línguas desapareçam", acrescentou a antropóloga.

CONT.



Boletim de Notícias - Edição nº 071 / 2013

Brasília, 30 de abril de 2013.

Segundo dados do Censo de 2010 divulgados este mês pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), apenas 37,4% dos 896.917 brasileiros que se declararam como índios falam a língua de sua etnia e somente 17,5% desconhecem o português.

O censo também revelou que 42,3% dos índios brasileiros já não vivem em suas reservas e que 36% se estabeleceram em cidades. Dos que não estão nas reservas, apenas 12,7% falam sua língua.

Ana esclareceu que o inventário do Museu Goeldi considera como ameaçadas as línguas que têm menos de cem falantes, mas que o número seria muito superior se fossem adotados os critérios internacionais, que definem como em perigo às que têm menos de mil praticantes.

Moreira Mendes cobra seriedade nos debates sobre questão indígena

SÍTIO RONDÔNIA DIGITAL, 29.04.2013

"O que existe na verdade é uma Funai absolutamente ideologizada, ocupada por ONGs e pessoas que têm outros interesses que não o de defender as comunidades indígenas. Usam a instituição para agir ao arrepio da lei", declarou Mendes.



Brasília-DF, 29/04/2013 – O deputado federal Moreira Mendes (PSD-RO) voltou à tribuna da Câmara na última quarta-feira (24) para ressaltar a necessidade de um debate sério sobre a questão indígena no país. "Trata-se de um assunto que não pode morrer. Não podemos ficar em silêncio. Precisamos discutir com grandeza e sem ranços ideológicos a PEC 215/00, que traz ao Congresso Nacional a última palavra na criação de reservas indígenas", afirmou.

Para Mendes, os índios estão sendo utilizados como massa de manobra.

O parlamentar citou artigo publicado no jornal Folha de S. Paulo, também na quarta-feira, de Denis Rosenfield, professor de filosofia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRS), em que destaca, segundo o parlamentar, que a Fundação Nacional do Índio (Funai) tem sido a grande incentivadora do caos rural no país.

"O que existe na verdade é uma Funai absolutamente ideologizada, ocupada por ONGs e pessoas que têm outros interesses que não o de defender as comunidades indígenas. Usam a instituição para agir ao arrepio da lei", declarou Mendes.

De acordo com o deputado, manifestações supostamente indígenas como a invasão do plenário da Câmara na terça-feira (16), buscam apenas desestabilizar o país. "De indígena, aquela invasão não tinha absolutamente nada, o que demonstra que essa questão está contaminada por outros interesses", defendeu.



HUB inicia serviço especial para atender povos indígenas

SÍTIO JORNAL BRASIL, 29.04.2013



Iniciativa pioneira conta com o apoio de estudantes para auxiliar atendimentos

O Hospital Universitário de Brasília (HUB) oferece desde a semana passada o Serviço de Atenção Integral à Saúde dos Povos Indígenas. Coordenadora do serviço, a professora do Departamento de Saúde Coletiva Maria da Graça Hoefel diz não ter conhecimento de nenhum outro tipo de atendimento semelhante no Brasil. Estudantes indígenas auxiliarão na assistência oferecida pelo novo serviço.

A ideia do serviço partiu de uma demanda dos próprios estudantes indígenas da Universidade de Brasília. A proposta desse atendimento, segundo Graça Hoefel, surgiu de uma reivindicação de alunos que enxergaram a necessidade de se discutir novas práticas e formas de atendimento aos índios.

Dados do Censo de 2010, do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), dão conta de que 5.941 índios vivem no Distrito Federal. De acordo com Graça Hoefel, não é possível dizer quais atendimentos são os mais procurados pelos índios, por esta ser uma informação relativa. "O que se pode afirmar é que todas as áreas do HUB estão de portas abertas a recebê-los", disse.

Segundo a Secretaria Especial de Saúde Indígena (Sesai) do Ministério da Saúde, a maioria dos povos atendidos no Distrito Federal vem dos parques do Xingu e do Xavante, no estado do Mato Grosso. Para Antônio Alves, representante da Sesai, o HUB está sendo pioneiro. "O Hospital Universitário de Brasília está dando o primeiro passo para a implementação de uma unidade de referência para todos os hospitais universitários do Brasil", disse.

Inicialmente, 18 estudantes de diversos cursos da UnB trabalharão no projeto. Eles acompanharão os pacientes durante todo o tratamento. A avaliação dos responsáveis pelo serviço é de que essa é uma maneira de o aluno se formar no atendimento integral, na perspectiva de que saúde é um direito do povo e um dever do Estado.

"Cada índio internado no nosso hospital terá um tutor, que não é um tutor qualquer, é um aluno indígena da UnB, que terá a oportunidade de nos ensinar como devemos atender melhor o nosso paciente indígena e tornar nosso hospital mais humano e adequado a este atendimento", disse Hervaldo Sampaio Carvalho, superintendente do HUB.

Edneide Atikum é aluna do 6º semestre de nutrição da UnB e uma das representantes do grupo de estudantes envolvidos no projeto. Para ela, esta é uma das conquistas mais importantes que o povo indígena já teve. "O projeto tem um impacto expressivo na saúde dos índios, uma necessidade muito grande das nossas comunidades", diz. "Um índio que vem de sua aldeia e

CONT.



recebe o acompanhamento de outro que vive na cidade entende melhor o processo que viverá no hospital”, afirmou o Pajé Álvaro Tukano, uma das lideranças indígenas presentes na cerimônia.

A relevância do atendimento específico a pacientes indígenas foi o que chamou a atenção do secretário-geral da Secretaria Nacional de Relações Político-Sociais da Presidência da República, Geraldo Magela da Trindade. “Estamos trabalhando para alcançar os objetivos do milênio até 2015. Alguns deles são voltados para a assistência em saúde, onde alguns setores sociais ainda são desfavoráveis, inclusive os indígenas. A ideia de levar em conta o linguajar, a cultura e a experiência de vida no assistência à saúde é sensacional”, afirmou Trindade.

Também participaram do evento a diretora adjunta de Serviços Assistenciais do HUB, Sâmara Farias Costa Godeiro Carlos, a presidente da Fundação Nacional do Índio, Marta Azevedo, a diretora da Faculdade de Ciências da Saúde da Universidade de Brasília, Lílian Marly de Paula, a chefe do Departamento de Saúde Coletiva da UnB, Ximena Pamela Diaz Bermudez, Aline Saldanha Nunes, enfermeira da Casa de Saúde Indígena (Casai-DF), e Umberto Euzébio, coordenador dos estudantes indígenas da UnB.



Terras Indígenas: Produtores de MS protestam e tentam reunião com Dilma
SÍTIO NOTÍCIAS AGRÍCOLAS, 29.04.2013

Nesta segunda-feira (29), os produtores rurais de Mato Grosso do Sul realizam uma manifestação, durante a visita da presidente da República, Dilma Rousseff, à Campo Grande para solicitar a suspensão dos processos de demarcação de terras indígenas feitos pela Fundação Nacional do Índio (Funai) no estado. As demarcações têm causado insegurança jurídica aos agricultores de várias regiões do país.

Os produtores reivindicam o retorno da vigência da Portaria 303 da AGU (Advocacia Geral da União) que estende a todas as terras indígenas do Brasil as condicionantes definidas pelo STF (Supremo Tribunal Federal) no julgamento de Terra Indígena Raposa Serra do Sol (RR), em 2009. E também a aprovação da Proposta de Emenda Constitucional 215 (PEC 215), que transfere da Funai para o Congresso Nacional a aprovação das demarcações, além da efetivação da CPI da Funai.

“Gostaríamos que o problema do Brasil fosse resolvido, e que respeitassem o nosso direito de propriedade. Tentamos entrar no evento que a presidente está presente, mas fomos barrados, não existe respeito com os agricultores”, afirma produtor rural que participa da mobilização.

Ao todo, na região do Cone Sul do estado, 28 municípios do estado são alvo de demarcações de terras indígenas. A Funai entrou com processo para reivindicar uma área que chega a 1/3 do MS, e que pode desalojar em torno de 100 mil famílias. A região representa 21% da área total do estado, além disso, a localidade é responsável por 60% da produção da soja e 65% do milho no estado. Somente em Iguatemi, 46 propriedades estão na área requerida pela entidade, o que representa 15% da cidade.

Confira abaixo fotos da mobilização em Campo Grande enviadas pelo produtor rural Osmar Bonamigo:





Beleza e garbo nos jogos

SÍTIO FONTE BRASIL, 29.04.2013

Pela segunda vez consecutiva, a Universidade Federal de Roraima (UFRR 1) é a campeã geral dos Jogos Universitários Indígenas de Roraima com 340 pontos. O evento foi encerrado na tarde deste domingo (28).

Em segundo lugar, ficou a Universidade de Brasília (UNB), com 255 pontos. A instituição participou pela primeira vez da competição. Na terceira colocação ficou a equipe UFRR 2 com 175 pontos.

Os Jogos são realizados pela Federação Universitária de Esportes de Roraima (FUER), com o apoio do Exército Brasileiro. O general Jaborandy, comandante da 1ª Brigada de Infantaria de Selva, disse que é muito importante apoiar eventos como estes.

“Dentro do nosso contexto, onde temos o Exército integrado com a sociedade e onde o índio integra essa sociedade, é muito importante para nós um evento onde a comunidade indígena realiza uma atividade saudável que é a prática esportiva. Estaremos sempre apoiando este tipo de iniciativa”, destacou o general.

Toda a competição foi realizada na estrutura do Exército. O evento contou com 130 participantes, sendo Universidade Federal de Roraima - UFRR (59 atletas), Universidade Estadual de Roraima - UERR (15), Universidade de Brasília – UNB (18), Faculdade Cathedral (04), e o Exército como convidado, participa com 34 atletas.

As modalidades disputadas foram: arco e flecha; cabo de guerra, corrida de tora (indígenas) e queda de corpo e futebol society (não indígenas), disputadas nos naipes masculino e feminino.

Para a presidente da FUER, Elaine Morellato, a segunda edição da competição foi coroada com a participação de outros Estados da federação. “Contamos com a participação de atletas de Brasília e também de convidados do Mato Grosso, o que demonstra o crescimento do evento”, disse Elaine.

Ela reforçou que a principal intenção dos jogos é a integração. “Queremos quebrar paradigmas e proporcionar a integração entre os universitários indígenas. Quero ainda aproveitar para agradecer imensamente o apoio incondicional do Exército, que disponibilizou estrutura e pessoal para a realização do evento”, destacou a presidente.

RESULTADOS

No arco e flecha, no naipe feminino, a UFRR levou a melhor conquistando o primeiro e o segundo lugar com as atletas Mirian Gabriela Gregório Braga e Malena da Silva Santiago, respectivamente.

CONT.



Já no naipe masculino, a equipe do Exército conquistou os dois primeiros lugares com os atletas Raul Yanomami (1º lugar) E Xaporita Douglas Yanomami (2º lugar).

Na queda de corpo disputada apenas no naipe masculino, a UFRR conquistou o primeiro lugar com o atleta Josias Batista da Silva e na segunda colocação, ficou o atleta Francisco Neto da UERR.

Já na corrida de tora que consiste em um revezamento de quatro atletas com um tronco, sendo que no naipe masculino o tronco pesa 50kg e no feminino, o 30kg, a equipe do Exército conquistou o primeiro lugar, como tempo de 1'32"75. O segundo lugar ficou com a equipe da Universidade de Brasília (UNB) com o tempo de 1'38",00.

Já no feminino, a equipe da UFRR levou a melhor e ficou em primeiro lugar com o tempo de 2'01"12. Na segunda colocação ficou a equipe da UNB com o tempo 3'18'82. Ana Rose é estudante da UFRR e atleta da modalidade da corrida de tora e futebol society.

Ela disse que ficou muito feliz por, mais uma vez, ter garantido a medalha de ouro para sua instituição. "Ano passado nós ficamos em primeiro lugar, na corrida de tora, e este ano novamente ganhamos. É muito gratificante, estamos muito felizes com o evento que ajuda na valorização da nossa cultura", frisou a atleta.

No futebol society, no masculino, em primeiro lugar ficou a equipe da UFRR 1, na segunda colocação, a equipe UNB, seguida da UFRR 1. No feminino, a UFRR também levou a melhor conquistando o primeiro e o segundo lugar e em terceiro ficou a equipe da UNB.

E no cabo de guerra, vitória também da UFRR, que no naipe feminino conquistou o primeiro e o segundo lugar, em terceiro ficou a equipe da UNB. Já no masculino, a vitória ficou com a equipe do Exército. Em segundo lugar ficou a UNB e na terceira colocação, a UFRR.

A FUER conta com o apoio da Confederação Brasileira de Desportos Universitários (CBDU), Exército (12º Esquadrão de Cavalaria Mecanizada, 10º Grupo de Artilharia e Campanha de Selva – GAC, 1ª Brigada de Infantaria de Selva - 1º BIS e 7º Batalhão de Infantaria de Selva – 7º BIS), Governo do Estado de Roraima, Prefeitura de Boa Vista, e patrocínio de Cacau Show, Jornal Folha de Boa Vista, Toli e BV Formaturas.

Projeto Diversidade leva Aldeia Indígena ao Colégio Madre Bárbara

SÍTIO PREFEITURA MUNICIPAL DE ENCANTADO, 29.04.2013



Alunos aprenderam sobre a diferença da vida do índio de antes para hoje

Dia de aprender a valorizar a cultura indígena. Na manhã da última sexta-feira, dia 26, o Colégio Madre Bárbara recebeu a visita da Aldeia Foxá do Jardim do Cedro em Lajeado. Este é o primeiro ano do Projeto Diversidade que busca mostrar outras culturas da região do Vale do Taquari para os alunos.

Uma das professoras responsáveis pelo projeto, Juciane da Silva conta que será trabalhado não só a cultura indígena, mas a cultura africana, as pessoas com necessidades especiais, a obesidade, entre outros. "Vamos aprender sobre a questão cultural, física e étnica."

A professora salienta que é necessário despertar o respeito às diferenças, porque as culturas não são iguais, então é preciso aprender sobre elas. Outro objetivo das responsáveis pela ação, é aproximar a atividade com o tema da juventude devido a campanha da Fraternidade. "Vamos saber como é ser jovem nas outras culturas, pois eles tem outro conceito e queremos fazer essa reflexão."

Vida de Cacique

O Cacique Francisco Rokan dos Santos (53) encantou os alunos da escola com a sua visão e vivência sobre a cultura indígena. Morador da Aldeia Foxá do Jardim do Cedro de Lajeado, ele conta que cerca de 19 famílias que somam mais de 80 pessoas residem no local.

Com sete filhos e vasta experiência, o Cacique contou aos alunos um pouco da história indígena, mostrando para eles como é a vida dos índios atualmente. "As crianças hoje em dia conhecem índios de uma forma, acham que somos do mato, andamos pelados, mas o mundo da gente também mudou, nos adequamos a muitas coisas de branco." Para o Cacique estar no Colégio realizando essa ação, terá grande importância. Rokan falou sobre a cultura, o Dia do Índio e apresentaram uma dança cultural.

A esposa de Rokan, Lurdes Carvalho (52) faz a criação de colares e outros trabalhos indígenas. Segundo ela, antigamente era usado cipó e outros produtos naturais, mas como a natureza está sem os produtos, esta é uma das formas de sustento da família. "Viemos mostrar nossa cultura, é a primeira vez que acompanho meu marido, ficamos felizes de falar da nossa cultura indígena e nossos filhos também acompanham outras culturas."

Conhecendo as culturas

CONT.



Boletim de Notícias - Edição nº 071 / 2013

Brasília, 30 de abril de 2013.

O estudante Antônio Gemelli (10) do 5º ano, adorou a visita dos índios ao Colégio mas ficou preocupado com a situação que eles se encontram. Gemelli diz que aprendeu com o Cacique quando ele contou que não tinham carros por isso não poluíam o ar, que antes tinham os rios para tomar banho e hoje estão poluídos, muitos animais que eles pescavam morreram também e tinha mato. "Acho que ele está certo em falar, afinal eles perderam quase tudo."



Governo apoia escolas e qualificação de professores

SÍTIO GOVERNO DO ESTADO DE RONDÔNIA, 29.04.2013

A Secretaria de Estado da Educação (Seduc) elabora projeto que será submetido ao Ministério da Educação (MEC) Plano de Ações Articuladas (PAR) com a finalidade de construir novas Escolas Indígenas em Rondônia. O estudo determinado pelo Governo da Cooperação prevê levantamento preliminar do impacto financeiro-orçamentário para atender a demanda étnica. Na semana passada, a secretária da Seduc, Isabel Luz, anunciou aos representantes do Conselho Nacional de Políticas Indígenas Gaviões, a intenção da Seduc em investir e melhorar cada vez mais a infraestrutura dessa população.

Formação

Até o próximo ano letivo, MEC e governo publicam edital do Programa de Formação Superior e Licenciatura Indígenas (Prolind) em apoio à formação superior de cerca de 4 mil novos professores indígenas no país. O edital é destinado à instituição pública de educação superior.

A ideia é garantir cada vez mais que as populações indígenas tenham atendimento de Ensino Fundamental e Médio em suas comunidades. A legislação estabelece que nas escolas indígenas o exercício do magistério deve ser preferencialmente realizado por professores indígenas. "Nos últimos 28 meses, isso já começa a se tornar realidade no nosso estado", ponderou o governador Confúcio Moura.

Educadores indígenas realizam panfletagem na MS-156 e ameaçam 'trancar' rodovia
SÍTIO DOURADOS NEWS, 29.04.2013



Educadores panfletam na MS-156 e ameaçam bloquear a estrada ainda hoje - Fotos: Osvaldo Duarte

Professores e servidores administrativos que trabalham nas escolas indígenas do município realizam panfletagem na MS-156, nas proximidades da Reserva Indígena de Dourados. Eles podem 'bloquear' a rodovia a qualquer momento, segundo lideranças que estão no local.

"Estamos realizando apenas uma panfletagem como forma de orientação às pessoas sobre a greve, mas caso não tenhamos respostas da administração, fecharemos a rodovia durante o dia", disse Edio Felipe Valério, um dos educadores.

As atividades fazem parte da greve deflagrada pelos profissionais da educação desde o dia 25 de abril na Reme (Rede Municipal de Ensino) e segundo Edio, ainda pela manhã acontecerá uma reunião com o poder público para novas negociações.

Além da questão salarial, 1/3 hora atividade, PAE (Programa de Acompanhamento Escolar), Salas de Tecnologia, concursos público, redução de jornada de trabalho do administrativo e inclusão definitiva deles no PCCR (Plano de Cargos Carreiras e Remunerações), discutidas pelo Simted (Sindicato Municipal dos Trabalhadores em Educação), os indígenas pedem por melhor transporte escolar, inserção dos alunos em programas sociais e concurso específico.

O Dourados News entrou em contato com a secretária de Educação Marinisa Mizoguchi e a informação é de que a comissão formada por indígenas continuava em reunião com a administração municipal.

Literatura indígena é discutida no Seminário da Pan-Amazônia na Feira do Livro
SÍTIO AGÊNCIA PARÁ, 29.04.2013



A literatura indígena na Amazônia foi o tema que norteou o Seminário da Pan- Amazônia, realizado na manhã desta segunda-feira, 29, durante a programação da XVII Feira Pan-Amazônica do Livro. A conferência de abertura foi ministrada pela professora Maria Inês de Almeida, doutora em literatura brasileira, literatura indígena e edição, pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG).

Durante o seminário, a professora compartilhou com o público a experiência que ela tem como editora de mais de 500 livros de autoria indígena. “Embora não pareça tão comum e frequente ao grande público, a literatura indígena é extremamente relevante. A forma natural com que eles escrevem os livros nos leva a pensar sobre os movimentos literários no Brasil”, disse.

Segundo ela o movimento literário indígena tem a ver com o que está traduzido nos manifestos. “Os índios não lidam com a metáfora e sim com a metamorfose. E isto nos faz refletir como é que seria viver em um mundo sem metáforas”, completou.

Outra coisa interessante relatada por Maria Inês é o interesse que os índios têm pela leitura desde sempre, já que eles possuíam, ainda antes dos brancos, seus sistemas de escrita. “Por isso seus livros abrem para nós uma nova maneira de encarar a literatura, para além da voz narrativa, do sujeito, da ficção. Ao invés da representação, no sentido da metaforização, temos visto um processo de atuação dos signos, a performance oral desenhada de algum jeito. Isto faz lembrar de que a poesia feita por eles, existe nos fatos, e nas coisas”, completou.

Ainda de acordo com ela, para os indígenas, fazer um livro é tão simples como se fosse fazer um artesanato. “A primeira coisa que eles fazem quando começam a ser alfabetizados é se propor a escrever um livro”, disse.

Sobre os temas abordados pelos índios em seus livros, ela explicou que a maioria das narrativas até agora escritas foi contada pelos mais velhos. “São histórias que se remetem a época em que os bichos falavam com os homens, os mais velhos curavam com plantas, etc”.

Ainda durante o seminário, a palestrante levantou uma discussão. “Por que a literatura indígena pode ser vista hoje no Brasil como vanguarda? Talvez porque, através dela, saibamos como não colocar a escrita no lugar da fala. Porque nos traz de forma cabal o livro como multiplicidade e produz conexões e redes visíveis nas poéticas orais (com os espíritos, por exemplo), mas normalmente desprezadas pela crítica literária mais séria”, finalizou.

CONT.



Boletim de Notícias - Edição nº 071 / 2013

Brasília, 30 de abril de 2013.

Para quem assistiu o seminário, o tema foi extremamente gratificante. “É muito bom conhecer um pouco mais sobre a cultura indígena. Não imaginava que os índios escreviam livros e que a literatura deles era tão rica. Sou paraense e moro no Rio de Janeiro, quando retornar para lá vou fazer questão de espalhar para todos os cariocas essa riqueza literária que nós temos na Amazônia”, disse a enfermeira Cláudia Bellucio, 36 anos.